
“EU ACREDITO EM FILOSOFIA”:

FANATISMO RELIGIOSO, INTOLERÂNCIA

E ANTI-INTELECTUALISMO NO FILME

ALEXANDRIA (2009)*

Eliézer Cardoso de Oliveira**, Ademir Luiz da Silva***

Resumo: *o tema deste artigo é a análise do filme Alexandria (2009), dirigido pelo cineasta Alejandro Amenábar, tendo como protagonista principal a atriz Rachel Weisz. O seu objetivo principal é cotejar a representação cinematográfica sobre o fanatismo, intolerância e anti-intelectualismo cristão que culmina no linchamento da filósofa Hipátia de Alexandria, com a contextualização baseada na historiografia especializada. Desse modo, a metodologia valeu-se da análise de obras históricas (Gibbon, Russel, Scholasticus) e da teoria sociológica (Max Weber) para contribuir para um melhor conhecimento da história do Cristianismo que se desenrola na cidade de Alexandria e também para um melhor aproveitamento do filme, seja para deleite estético, seja como fonte de representação histórica. A conclusão do artigo demonstra que o filme faz uso de elementos ficcionais para a sua estruturação narrativa, mas constitui-se num documento sobre a importância simbólica da morte de Hipátia para a reflexão sobre o fanatismo, intolerância e anti-intelectualismo religioso.*

Palavras-chave: *Filme Alexandria. Cristianismo. Intolerância. Fanatismo. Anti-intelectualismo.*

Este artigo tem como objeto a análise de uma versão romanceada da história de Hipátia, apresentada no filme *Alexandria*, dirigido pelo cineasta chileno-espanhol Alejandro Amenábar, ganhador do Oscar de Filme Estrangeiro por *Mar Adentro*

* Recebido em: 17.04.2021. Aprovado em: 11.06.2021.

** Doutor em Sociologia (UnB) com pós-doutorado em Ciências da Religião (PUC Goiás). Mestre em História (UFG). Professor na Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis. *E-mail:* ezi2006@gmail.com

*** Doutor e Mestre em História (UFG) com pós-doutorado em Poéticas Visuais e Processos de Criação (UFG). Professor na Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis. Presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás. *E-mail:* alsconclave@gmail.com

(2004). A protagonista é interpretada pela atriz Rachel Weisz, vencedora do Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante pelo filme *O Jardineiro Fiel* (2005), dirigido pelo brasileiro Fernando Meirelles.

Alexandria, lançado internacionalmente em 09 de outubro de 2009, falado com diálogos em inglês, é uma coprodução internacional financiada com recursos da Espanha, Malta, Portugal, França e Estados Unidos. Com filmagens realizadas em Malta, tornou-se o filme espanhol mais visto no ano do seu lançamento e também um dos mais premiados. Venceu os prêmios Goya de Melhor Filme, Melhor Diretor e Melhor Roteiro, que Alejandro Amenábar dividiu com Mateo Gil. Levou ainda os prêmios de Melhor Edição para Nacho Ruiz Capillas, Melhor Música Original para Dario Marianelli e Melhor Som para Peter Glosop e Glenn Freemantle.

O filme foi alvo de algumas polêmicas. Foi censurado no Egito, a despeito de ser uma nação majoritariamente islâmica, sob a justificativa de conter cenas que insultam o senso de fé religiosa. Pelos mesmos motivos teve dificuldade de distribuição nos Estados Unidos e na Itália. O Observatório Anti-Difamação Religiosa protestou contra o filme, acusando-o de promover o ódio ao reforçar falsos clichês contra a Igreja Católica.

Alexandria possui dois cortes considerados oficiais. Sua versão comercial de cinema foi lançada com 127 minutos. Porém, uma versão de 141 minutos foi apresentada no Festival de Cannes. Para esse trabalho, consideramos a versão de cinema, que foi a selecionada pelos produtores para seu lançamento em DVD. Em termos metodológicos, a proposta do artigo procurou cotejar a representação cinematográfica sobre o fanatismo, intolerância e anti-intelectualismo cristão que culmina no linchamento da filósofa Hipátia de Alexandria, com a contextualização baseada na historiografia especializada (Gibbon, Russel, Scholasticus, Weber, dentre outros). As produções cinematográficas alcançam uma visibilidade bem maior do que as obras acadêmicas e, por isso, requerem uma análise crítica para que a estética ficcional não acabe sobrepujando a verdade histórica. Desse modo, o artigo pretende contribuir para um melhor conhecimento da história do Cristianismo que se desenrola na cidade de Alexandria e também para um melhor aproveitamento do filme, seja para deleite estético, seja como fonte de representação histórica.

O artigo é dividido em três tópicos: o primeiro compara o suicídio de Sócrates e o linchamento de Hipátia, dois filósofos que morreram por suas ideias; o segundo analisa a perspectiva defendida no filme na qual teria sido um suposto “anti-intelectualismo” cristão o responsável pelo saque e destruição da biblioteca de Alexandria; o último reflete sobre a representação fílmica pela qual teria sido o “fanatismo cristão” o elemento primordial que provocou a morte da filósofa. Em todos os casos, colocamos em perspectiva a obra artística cinematográfica em

confronto com a documentação de época e análises filosóficas sobre o fenômeno religioso.

DOIS ASSASSINATOS DE FILÓSOFOS: O SUICÍDIO DE SÓCRATES E O LINCHAMENTO DE HIPÁTIA

No início de 399 a.C., o mais conhecido filósofo ateniense, Sócrates, foi acusado formalmente por Anyto, um importante político, e por Lykon e Meleto, dois obscuros intelectuais, “de não adorar os deuses que o Estado cultuava e de introduzir outras divindades novas, além de corromper os jovens com seus ensinamentos” (RUSSEL, 1982, p. 100). O filósofo estava com 70 anos e possuía um grupo de discípulos entusiasmados com suas críticas à democracia ateniense. Foi julgado pela assembleia dos cidadãos e considerado culpado, sendo que a pena proposta pelos acusadores era a morte. Ele podia escolher uma pena mais branda, como a prisão ou o exílio, mas ele preferiu afrontar os seus algozes com uma proposta de pagamento de uma pequena multa, o que foi previsivelmente rejeitada pela assembleia que confirmou a sua execução. Platão (*Fédon*, LXVI), testemunha da execução, deixou uma descrição dramática da morte de Sócrates:

Nesse momento nós, que então conseguíamos com muito esforço reter o pranto, ao vermos que estava bebendo, que já havia bebido, não nos contivemos mais. Foi mais forte do que eu. As lágrimas me jorraram em ondas, embora, com a face velada, estivesse chorando apenas a minha infelicidade — pois, está claro, não podia chorar de pena de Sócrates! Sim, a infelicidade de ficar privado de um tal companheiro!

Sócrates “foi o primeiro mártir da filosofia” (DURANT, 2000, p. 36), condenado por causa das ideias que defendia. A sua morte, como ele profeticamente previra, provocou uma comoção e se tornou emblemática na cultura ocidental.

Pouco mais de mil anos depois, em 415, na cidade de Alexandria, uma jovem também é assassinada por causa de suas ideias filosóficas. Era filha de Teón de Alexandria, um renomado filósofo da época. Hipátia havia estudado na famosa Academia, ao ponto de Sócrates, o escolástico, afirmar que suas realizações em literatura e ciência superaram a de todos os filósofos de sua época. O preparo intelectual e a segurança de sua formação faziam com que “nunca se sentisse envergonhada numa assembleia masculina” (SCHOLASTICUS, *Eccl. Hist.* VII, XV). Alguns cristãos fanáticos consideravam que Hipátia era a causa da não reconciliação entre o prefeito Orestes e o bispo Cirilo. Por isso, assassinaram-na de maneira atroz, conforme a descrição de Gibbon (1845, p. 278):

Havia um rumor entre os cristãos de que a filha de Theon era o único obstáculo para a reconciliação do prefeito e do arcebispo, e esse obstáculo foi rapidamente removido. No dia fatal, na época santa da Quaresma, Hypatia foi arrancada da sua charrete, despida, arrastada para a igreja e desumanamente massacrada pelas mãos de Pedro, o leitor, e por uma tropa de fanáticos selvagens e impiedosos; sua carne foi arrancada de seus ossos com conchas de ostras afiadas e seus membros trêmulos foram entregues às chamas.

Como a condenação de Sócrates, o assassinato de Hipátia iria provocar uma imensa consternação, imprimindo, ainda nas palavras de Gibbon (1845, p. 245), “uma mancha indelével no caráter e na religião de Cirilo de Alexandria”, que era um “teólogo de grande habilidade, mesmo sendo também bastante rígido e dogmático. Em suas obras há fortes ataques contra judeus e filósofos” (GONZÁLEZ, 2005, p. 176). Sua disputa com Hipátia foi uma entre várias que teve ao longo de sua trajetória.

Há muitas semelhanças entre a condenação capital de Sócrates e o linchamento de Hipátia. Ambos eram “filósofos de rua”, ou seja, preferiam expor as suas ideias publicamente e não fechados em escolas, o que os tornavam conhecidos amplamente onde viviam. Aspecto esse que, aliás, é pouco explorado no filme, no qual Hipátia sempre aparece ensinando nas dependências da biblioteca. Ambos habitavam em cidades que eram famosas pela sua tradição intelectual e cultural, como foi o caso de Atenas e Alexandria. Ambos reuniram em torno de sua figura um número considerável de abnegados discípulos que depois reproduziram as suas ideias, já que o filósofo ateniense não se preocupou em registrar por escrito suas ideias e os da filósofa alexandrina se perderam. Enfim, ambos incomodavam, com sua filosofia, os segmentos populares, que viam nele e nela um perigo para a sobrevivência de sua cidade.

Contudo, há importantes diferenças entre a morte de Sócrates e Hipátia, que são ilustrativas para a compreensão da mudança da mentalidade que levou a substituição do pensamento clássico pelo monoteísmo cristão. Primeiramente, Sócrates passou por um julgamento público, no qual teve oportunidade de se defender e inclusive de ter a sua penalidade amenizada, caso seguisse os trâmites jurídicos vigentes. Os gregos atenienses eram muito ciosos de suas leis, ao ponto que Sócrates, tecnicamente, não chegou a ser executado pelo Estado, mas foi induzido a suicídio. O caso de Hipátia é bem diferente, pois foi executada por meio de um linchamento, num ato totalmente contrário às leis romanas e, o mais importante, sem a oportunidade de se defender. A morte de Sócrates seguramente foi uma injustiça do ponto de vista ético, mas seguiu os procedimentos regulares da legislação ateniense; a de Hipátia foi seguramente uma injustiça do ponto de vista ético e também uma prevaricação da legislação existente.

Sócrates pouco se importava com a morte, “ou importava menos que um figo” (*Apolo-
gia*, I, XVIII), como disse com o seu fino sarcasmo. Fugir da morte seria fácil,
“bem mais difícil é fugir da maldade, que corre mais veloz que a morte” (*Apo-
logia*, I, XXVII). Não se conhece o que Hipátia pensava a respeito, mas pelo
que se sabe nunca fez parte dos seus planos ser atacada por uma turba violenta,
ser arrastada para uma igreja e ser esfolada por pedaços de telhas. Talvez o
motivo de abnegação de Sócrates esteja em saber que o racionalismo filosófico
iria continuar florescendo no mundo grego, apesar ou por causa de sua morte.
Hipátia era inteligente o suficiente para saber que a filosofia clássica estava
em declínio e a sua morte só facilitou a hegemonia intelectual do cristianismo.
Sócrates foi acusado formalmente por motivos religiosos – não acreditar nos deuses da
cidade –, mas o motivo principal de sua condenação foi político, ou seja, “a
suposição de que se achava ligado ao partido aristocrático” (RUSSEL, 1982,
p. 100). O filósofo ateniense era um perigo para uma democracia, em sua vi-
são, corrompida e dominada pelo populacho. Hipátia foi assassinada por um
motivo aparentemente político – ela estava dificultando uma aliança entre o
prefeito e o bispo –, mas por trás da sua morte havia motivos fortemente reli-
giosos: o anti-intelectualismo e o fanatismo dos cristãos alexandrinos.

FOGO EM BIBLIOTECAS: CONSTRUÇÃO FÍLMICA DA NOÇÃO DE 'ANTI-INTELECTUALISMO' CRISTÃO ALEXANDRINO

A cidade de Alexandria, desde sua fundação, sempre foi caracterizada por seu cos-
mopolitismo. Em Alexandria o mundo se encontrava. O texto de abertura do
filme, assim como sua primeira cena (Figura 1), uma bela imagem do planeta
Terra desfilando lentamente seu esplendor azul pela tela, estabelecem essa
premissa como uma das bases fundamentais para se compreender seu enredo.

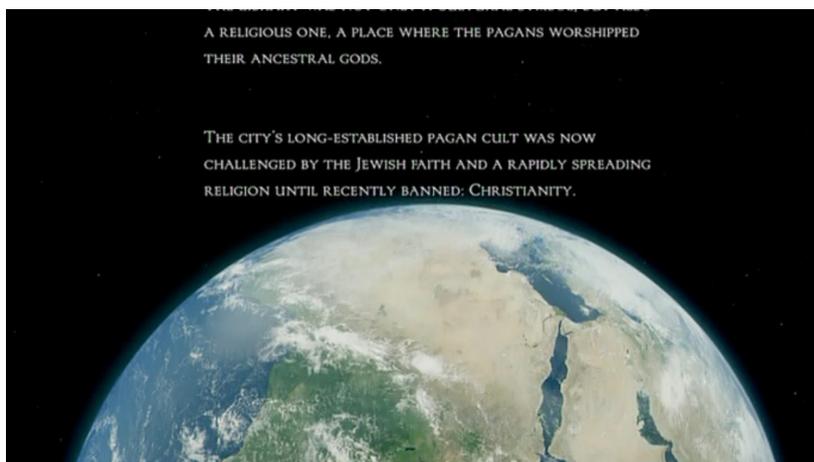


Figura 1: Letreiro de abertura
Fonte: print do DVD comercial de “Alexandria” (00:01:15).

Ao final do século IV d. C., o Império Romano estava à beira do colapso. Alexandria, uma província no Egito ainda preservava parte de seu esplendor. Ostentava uma das sete maravilhas do mundo antigo, o lendário Farol de Alexandria, assim como a maior biblioteca da Terra. A biblioteca, além de símbolo cultural, era um centro religioso, um lugar onde os pagãos veneravam seus deuses ancestrais. A cidade, célebre pelo culto pagão, coexistia agora com a fé judaica e uma religião que proliferava, até recentemente proibida. O cristianismo (Alexandria, 00:00:50).

A próxima imagem em destaque é a do templo de Serápis e da grande biblioteca que existia nele, feita, possivelmente, com computação gráfica a partir dos resultados de pesquisas arqueológicas (Figura 2). Ela representa uma espécie de âncora para a decadência que se avizinha. O Império Romano vivia seus últimos dias, e a biblioteca era uma esperança de que sua cultura sobreviveria à queda.

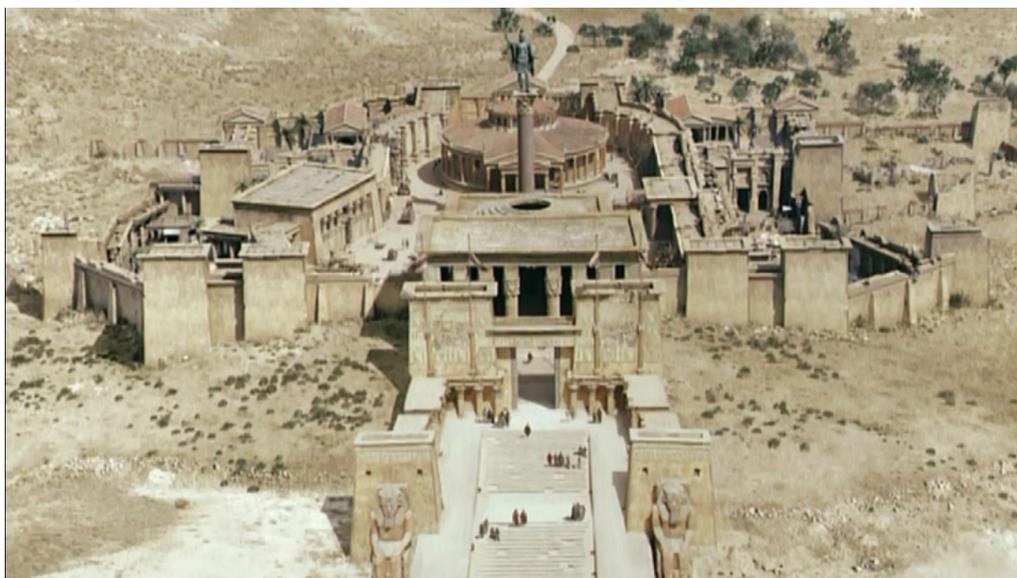


Figura 2: Representação do templo de Serápis e biblioteca de Alexandria
Fonte: print do DVD comercial de “Alexandria” (00:03:52).

Próximo à biblioteca existia a ágora, que no grego significa “assembleia” ou “lugar de reunião”. Fisicamente a ágora era um espaço aberto no interior das cidades, definido por marcos de pedra, tendo feiras e prédios públicos em seus limites. Representava o espaço de encontro, comércio e debate por excelência. Todo cidadão tinha direito a voz e voto. É fundamental destacar que “Ágora” é o título original do filme *Alexandria*, sendo que esse título foi usado apenas no Brasil, e por isso adotado para essa análise por razões de praticidade e reconhecimento. Contudo, é preciso reconhecer que *Ágora* é um título muito mais forte e representativo do sentido último da obra. O que se discute no filme é

o efeito das ondas de fanatismo que impedem o diálogo, que negam o debate, que substituem argumentos intelectuais por ações físicas violentas.

A cinematografia do filme destaca já em suas primeiras cenas a presença de piscinas de fogo no centro da ágora (Figura 3). Os cidadãos debatem em torno delas. O fogo é um elemento importante na estética do longa-metragem. Surge em diversos momentos, com diferentes funções narrativas.



Figura 3: Ágora

Fonte: print do DVD comercial de “Alexandria”. (00:08:14)

A narrativa começa em Alexandria, no ano de 591 d.C. O monge parabolano Amonius, interpretado pelo ator Ashraf Barhom, vestido todo de preto, debate com um pagão, exibindo exuberante roupa branca e amarela. Aos risos, o monge aponta a estátua de um deus pagão que ornamenta a ágora.

Amonius: Eles se comportam como humanos! Comem, bebem e fornicam!

Pagão: Se meus deuses comem, bebem e fornicam, bom para eles!

Amonius: Saibam disso, saibam disso! Você se consola com imagens pagãs. Homens, mulheres, aves, répteis! Serápis! Serápis! Quem pode confiar em um deus que tem um vaso de flor como coroa?

Pagão: Vocês, cristãos, se tornaram arrogantes desde que o Império passou a tolerar sua existência. O pai de meu pai viu escravos esquartejados no circo e entregues aos leões.

Amonius: Já basta! Observe. Observe. Observe. Agora atravessarei o fogo. Se meu Deus é o verdadeiro Deus, sairei incólume. E se seus deuses existirem, serei assado como um porco.

Pagão: Você está louco!
Popular: Ele se queimará! Terá o que merece.
(o monge atravessa o fogo e sai incólume)
Parabolano: Vamos ver se consegue cruzar o fogo.
(jogam o Pagão no fogo, que se queima terrivelmente)
(Alexandria, 00:07:10)



Figura 4: Parabolono atravessa o fogo
Fonte: print do DVD comercial de “Alexandria” (00:08:35)

O fogo, na mesma cena, representa o miraculoso e o bárbaro. Um ato de fé cega e um ato de violência e crueldade indizível. O desafio vitorioso de Amonius segue sem explicação até o final do filme, constituindo-se em um mistério que pode indicar que a tal nova religião cristã, a despeito das pesadas críticas que sofre, pode representar algo além da compreensão da ciência humana. E é justamente essa faceta inexplicável que fomenta o ataque ao conhecimento formal e à especulação científica abordada na sequência do filme.

No pós-escrito ao romance *O Nome da Rosa*, Umberto Eco (1985, p. 27) escreveu que “catedrais e mosteiros incendiavam-se como fósforos, imaginar uma história medieval sem incêndio é imaginar um filme de guerra no Pacífico sem um avião de caça precipitando-se em chamas”. Em *O Nome da Rosa* o que se incendeia é uma biblioteca fictícia localizada em um mosteiro beneditino fictício. O saque e a queima de livros da biblioteca de Alexandria foi um fato histórico, reproduzido no filme *Alexandria*.

Convencionou-se, a partir da experiência histórica, que o símbolo mais eloquente de uma postura anti-intelectual é a queima deliberada de livros. Os nazistas,

assim que assumiram o poder, promoveram uma queima pública de livros, na noite de 10 de maio de 1933, num ato eufemisticamente denominado “Ação Contra o Espírito Não-Alemão”. Freud (*apud* COELHO, 2009, p. 62), um dos autores cujas obras foram incineradas, comentou com sarcasmo: “que progresso! Na Idade Média teriam me queimado. Hoje só queimam meus livros”. Freud faleceu em 1939 e não pode perceber que a sua comparação com a Idade Média foi equivocada. Bem mais preciso foi o comentário do poeta Henrich Heine (*s/d, s/p*), que ainda no século XIX percebeu que “onde se queimam livros, acaba-se queimando pessoas”. Infelizmente, a queima de livros não foi uma das insanas barbaridades exclusivas dos nazistas. Em 1499, a inquisição espanhola queimou cerca de cinco mil manuscritos muçulmanos. O Regime Soviético, a partir de 1920, queimou sistematicamente livros que representavam a decadente literatura do ocidente, enquanto partidários do macartismo norte-americano queimou livros de autores comunistas. O filme de Alejandro Amenábar utiliza essa perspectiva, sedimentada na memória emocional das plateias, para salientar sua proposta abertamente crítica ao avanço do cristianismo sobre a cultura pagã.

A proposta narrativa do cineasta é clara: aproximar os primeiros cristãos dos demais queimadores de livros, no imaginário do público. Mas Amenábar vai além, pior que queimar livros é queimar bibliotecas, principalmente quando se trata de uma que se tornou símbolo da criatividade cultural do mundo antigo, como foi o caso da Biblioteca de Alexandria. A biblioteca foi idealizada pelo filósofo grego Demétrio de Falero e construída pelo rei Ptolomeu I Sóter, por volta do século II a. C., destinada a guardar os pergaminhos de todas as culturas conhecidas. Inicialmente, a biblioteca fazia parte de um edifício mais amplo denominado Museu e depois, por necessidade de ampliar o espaço, foi construída outra biblioteca junto ao Serapeum, “construído para honrar Serapis. Em seu interior, o templo contava com uma peça para os sacerdotes e outra para a biblioteca” (BAÉZ, 2004, p. 46). Não há consenso sobre quem efetuou a destruição da biblioteca do Museu. Sabe-se que nas batalhas de Júlio César para conquistar o Egito, vários pergaminhos foram destruídos, mas especulase que estavam em um depósito e não na biblioteca do museu. Outras hipóteses vinculam a destruição dessa biblioteca aos cristãos, aos árabes ou a algum terremoto. Já a destruição da Biblioteca do Serapeum está bem mais documentada: “alguns historiadores acusaram o patriarca Teófilo de atacar o Serapeum em 389 e a biblioteca em 391, com uma multidão enfurecida” (BAÉZ, 2004, p. 50). Essa destruição ocorreu no tempo em que Teon, pai de Hipátia, era responsável pela biblioteca.

Tendências dentro do cristianismo patrocinaram a queima de livros porque, muito embora as suas raízes filosóficas sejam de matrizes intelectualizadas, como o ju-

daísmo e a filosofia neoplatônica, na vivência cotidiana, segundo esses grupos específicos, o trabalho de intelectuais não possuía nenhuma relevância na esfera da vida prática. Jesus não teria escolhido nenhum dos seus 12 apóstolos por causa de seus dotes intelectuais e o “evangelho cristão surgiu como boa nova de um não intelectual somente para não intelectuais, para os pobres de espírito” (WEBER, 1994, p. 416). Desse modo, para Max Weber (1994, p. 347), a postura anti-intelectualista da ética cristã:

É característico [ao] cristianismo [...] sustentar que são os “pobres do espírito” e não os “sábios” os cristãos exemplares, que o caminho da salvação não passa pelo conhecimento adquirido, seja o da lei, seja o dos fundamentos cósmicos e psicológicos da vida e do sofrimento [...] tudo isso e, ainda que a circunstância de que uma parte essencial da história eclesiástica antiga, inclusive a criação de dogmas, representa uma autodefesa contra o intelectualismo em todas as suas formas.

Os que têm familiaridade com a sociologia weberiana sabem que ele se vale da estratégia de criar tipos ideais, que são modelos de interpretação histórica a partir das características mais visíveis da realidade. Evidentemente, o cristianismo teve uma relação complexa com o mundo intelectual, mas, nas suas origens, Weber não teve nenhuma dúvida em destacar a sua postura refratária ao intelectualismo. O cineasta Alejandro Amenábar parte dessa premissa interpretativa para caracterizar o cristianismo em Alexandria.

Evidentemente que o cristianismo, como todas as religiões, teve os seus intelectuais de destaque, como foi o caso de Paulo, um poliglota e ex-doutor da lei, que foi decisivo para que o cristianismo não se tornasse uma mera seita judaica (BERTRAND, 1982b, p. 22). Os intelectuais, nos primeiros tempos, foram fundamentais para sistematizar e depurar a complexa teologia cristã e por defendê-la dos ataques de filósofos pagãos, como foi o caso de Orígenes e Agostinho. Ainda no tempo deles, o cristianismo foi cada vez mais se fechando sobre si mesmo e tornou-se refratário ao debate intelectual, o que durou até por volta do ano 1000, quando os cristãos inventaram a universidade, o maior centro de incubação de intelectuais que já existiu.

Em diversas ocasiões, sobretudo no mundo secular industrializado, que gerou o cinema e seu imenso poder de influência, as religiões têm uma relação tensa com o mundo intelectual. As religiões livrescas, aquelas que precisam da interpretação de textos para a compreensão da doutrina, necessitam do trabalho constante dos intelectuais. Contudo, a religião tende a manter os intelectuais sob o ‘cabresto da fé’ e desconfia fortemente de suas ‘abstrações vazias’ que colocam em dúvida a verdade revelada. O que mais indigna o religioso é a

tendência dos intelectuais explicar o mundo cada vez mais independente da tradição religiosa. De acordo com Weber (1982, p. 406), o intelectual “criou uma aristocracia baseada na posse da cultura racional e independente de todas as qualidades éticas pessoais do homem”.

Os cristãos primitivos, de acordo com o filme, rejeitavam essa aristocracia de intelectuais e dirigiam sua prédica a um grupo não intelectualizado, como soldados, escravos, pequenos artesãos, mulheres. Grupos fundamentais para a expansão da nova fé. Desse modo, na opinião de Gibbon (1989, p. 235), os homens, cujos “excepcionais intelectos se aperfeiçoaram no estudo” e nos quais “a filosofia lhes depurara as mentes dos preconceitos da superstição popular”, foram indiferentes ou hostis “a perfeição do sistema cristão”. Intelectuais de renome, como Sêneca, Plínio, o Velho e o Jovem, Tácito, Plutarco, Galeno, Epiteto e Marco Aurélio, viam os cristãos apenas “como entusiastas obstinados e perversos que exigiam implícita submissão às suas misteriosas doutrinas, sem serem capazes de oferecer um único argumento capaz de atrair a atenção de homens de discernimento e de saber” (GIBBON, 1989, p. 235).

Alexandria, por toda a sua tradição cultural e filosófica, foi onde os mais decisivos combates entre paganismo e cristianismo ocorreram. A conquista de Roma pelos cristãos foi fundamental para uma aceitação política do cristianismo e a conquista de Alexandria foi essencial para uma vitória intelectual. “Foi na escola de Alexandria que a teologia cristã parece ter assumido forma regular e científica”, afirmou Edward Gibbon (1989, p. 229), referindo-se aos intensos debates sobre a teologia cristã que a cidade egípcia presenciou. Foi lá que surgiu, por volta de 190, o primeiro centro de estudo do cristianismo, a chamada Escola Catequética de Alexandria, que contou com nomes influentes na sistematização da teologia cristã, tais como Orígenes, Clemente, Tertuliano e Cirilo, dentre outros.

Esses intelectuais cristãos logo entraram em conflito com os intelectuais pagãos, o que vai marcar o contexto cultural de Alexandria no começo do século V. Para Russel (1982, p. 87), “esta hostilidade quanto à ciência pagã perdurou, na Igreja pelo menos durante quatro séculos, até o tempo de Gerberto (Silvestre II). Foi somente do século XI em diante que a Igreja aceitou de bom grado a erudição.” O período da vida de Hipátia, transcorrida boa parte dela no final do século IV, foi marcado, portanto, pelo fortalecimento de uma postura anti-intelectualista por parte da elite eclesiástica cristã, principalmente em relação ao saber da tradição filosófica greco-romana. Um exemplo bem evidente é uma colocação de Artemon, um professor cristão do século III, que afirmava, segundo relatou Gibbon (1989, p. 234), que “a ciência da igreja é negligenciada em prol do estudo da geometria; e eles perdem o céu de vista enquanto se dedicam a medir a terra”.

Hipátia de Alexandria era uma dessas filósofas pagãs que se preocupava mais com as coisas terrenas do que com as coisas celestiais. Ela viveu no “no epicentro das disputas entre pagãos e cristãos, e as consequências disso resultaram em sua morte.” (OLIVEIRA, 2016, p. 7). O assassinato de Hipátia marca simbolicamente a vitória do pensamento cristão sobre o pensamento pagão, quando os santos da estirpe de um Cirilo vão ser muito mais relevantes socialmente do que os intelectuais. Um caso ilustrativo é o de Jerônimo, um dos doutores da Igreja, contemporâneo a Hipátia e a Cirilo, que, seguindo a tendência entre os cristãos da época, passou a viver asceticamente no deserto, mas levou consigo sua biblioteca, o que o deixou em conflito com a sua consciência por achar que os livros eram uma distração pecaminosa (RUSSEL, 1982b, p. 79).

Há diversas sequências no filme, onde Hipátia demonstra suas habilidades como professora, filósofa e astrônoma. Seus alunos, todos homens, formam um conjunto multicultural e étnico, convivendo em harmonia. Havia pagãos, judeus e cristãos entre seus discípulos, conforme mostrado no filme. Em uma das cenas, a filósofa insiste com os alunos sobre a importância da tolerância, sobre todos serem irmãos. Sempre atenta para o talento, percebe que um de seus escravos domésticos, Davos, interpretado por Max Minghella, é particularmente inteligente. Construiu um modelo de globo terrestre com base no sistema ptolomaico. Convida-o para apresentar sua criação diante de seus alunos. Davos é um personagem não-histórico. Serve como ponte entre os principais episódios reais e liberdades dramáticas do roteiro. Simbolicamente, esse personagem representa, ao longo de seu arco dramático, o mundo antigo que se rende ao cristianismo. Davos, que é secretamente apaixonado pela mestra, converter-se-á ao cristianismo, tornando-se um monge parabolano, participando de massacres na ágora. Nota-se que o roteiro do filme de Alejandro Amenábar milita no sentido de não deixar dúvidas de que a conversão foi um erro e, claramente, piorou seu caráter.

Antes disso, Davos era um jovem virtuoso, avesso à violência. Uma cena em particular destaca seu perfil piedoso. Após a travessia miraculosa do monge parabolano no fogo, Teón chega em sua casa e encontra um crucifixo. Reúne todos seus escravos.

Teón, pai de Hipátia assistia a cena. Em casa, mostra um crucifixo.

Teón: De quem é isso? Hoje, os cristãos queimaram um homem. Bem no meio da Ágora. Não tolerarei isso em minha casa! Não na casa de Theon!

Jogou o crucifixo no chão. Uma das escravas se joga no chão e pega.

Teón: Dê-me isso.

Davos: Mestre, tenha piedade de sua escrava.

Hipátia: Davos!

Teón: Levante-se. Não tem nada a ver com isso.

Davos: Eu também sou cristão.

Teón: O que disse?

Davos: Eu também sou cristão. Puna-me por ambos.

Teón: Agora, eles presumem que nos ensinam piedade! Traga um chicote.

(Alexandria, 00:09:25)

Durante a noite, a própria mestre Hipátia vai cuidar dos ferimentos do escravo. É difícil defender essa cena como tendo algum fundamento histórico, mas sua importância dramática serve, sobretudo, para estabelecer o perfil empático de Hipátia.

A despeito de ser respeitada na comunidade, uma mácula social pesa sob ela. É uma mulher solteira. Durante uma festa, um dos convidados pergunta a seu pai, Teón, interpretado por Michel Lonsdale, se não pretende dá-la em casamento para o jovem estudante Orestes, interpretado por Oscar Isaac, que lhe fez uma homenagem musical no teatro da cidade. O velho filósofo responde: “Hipátia submissa a um homem, sem liberdade para ensinar? Sem poder falar livremente? A filósofa mais brilhante que conheço obrigada a abandonar sua ciência? Não, seria a morte para ela” (Alexandria, 00:23:17).

Hipátia escuta a conversa da qual é assunto e resolve levar adiante uma ação exemplar. Na aula seguinte, dirige-se aos alunos.

Hipátia: Ontem presenciaram um de seus colegas presentear-me com uma flauta. Eu aceitei o presente. E hoje quero dar algo em troca. Isso é para você (entregue um lenço manchado de sangue menstrual para Orestes). É o sangue de meu período. Você diz ter encontrado harmonia em mim. Então sugiro que a procure em outro lugar, por que não vejo harmonia ou beleza nisso. Não está de acordo?
(Alexandria, 00:24:57).

Ofendido, Orestes abandona sala. Davos, discretamente, recolhe o lenço.

Essa impossível harmonia do corpo humano serve como metáfora à busca pela chave da compreensão do mecanismo por trás do movimento dos astros no céu, que é um dos temas centrais do filme. Os pagãos desejam desvendar a lógica interna da natureza, os cristãos alexandrinos atribuem perfeição inata à Criação divina, que não precisa de explicações conhecidas. É o mistério, e o mistério se basta. Homens devotados a fé foram responsáveis pela destruição da cultura clássica. “O fanatismo e a superstição prevaleciam mesmo entre os maiores eclesiásticos da época e a cultura secular era considerada um mal” (RUSSELL, 1982, p. 79). Nem o fato inegável de a Igreja ser responsável por preservar boa parte de autores clássicos minimiza a fúria destrutiva que se abateu sobre o mundo an-

tigo. Catherine Nixey (2018, p. 24) denomina esse contexto de “a chegada das trevas” e descreve a repressão cultural da seguinte forma:

No tempo de Damáscio, as casas eram invadidas e vasculhadas em busca de livros e objetos considerados inaceitáveis. Quando encontrados, eram levados e queimados em fogueiras triunfantes nas praças das cidades. A discussão de questões religiosas em público fora rotulada de ‘audácia condenável’ e proibida por lei.

No filme *Alexandria* essa questão é tratada com dubiedade. São os pagãos, sempre representados como sendo civilizados e tolerantes, os responsáveis por derramar o primeiro sangue. O primeiro ponto de virada do roteiro acontece quando os professores pagãos da biblioteca instigam os alunos a atacarem grupos de fieis cristãos desarmados que estão em uma pregação pública na ágora, pretensamente insultando os deuses da cidade. Hipátia tenta impedir, alertando que transformarão estudantes em “assassinos”. Cabe a Teón, na condição de diretor da instituição, a palavra final. Ele define que o insulto deve ser respondido. Os estudantes saem da biblioteca brandindo espadas no ar.

Ocorre um massacre em plena ágora. Dezenas de cristãos são assassinados. A resposta não demora e, rapidamente, monges parabolanos acuciam os estudantes de volta à biblioteca. O próprio Teón é ferido fatalmente por um de seus escravos convertidos ao cristianismo. Segue-se um cerco que dura longos dias. As provocações não cessam. Por cima do muro, grita um pagão: “Ei, cristãos! Cristãos! Peçam caixões para seu Deus carpinteiro agora!” (*Alexandria*, 00:40:20).

Mas a vitória final acabou sendo cristã. O prefeito da cidade lê diante de todos a decisão da contenta, conforme arbitrada pela autoridade romana.

Prefeito: Estejam todos preparados para ouvir e obedecer ao veredicto de nosso Imperador. “Eu, Flávius Teodhosius Augustus, Imperador e Comandante Supremo das Províncias Orientais, tendo sido informado dos eventos recentes em Alexandria, certifico e ordeno que os insurgentes sejam perdoados e libertados. Em troca de minha generosidade, eles deixarão o Serapeum e a biblioteca imediatamente, permitindo a entrada dos cristãos para que façam uso das instalações como desejarem (00:45:06).

Fica evidente que a biblioteca será destruída. Tem início uma corrida dos professores e estudantes para salvarem os livros que puderem levar. Conseguem carregar poucos volumes, diante do montante geral. A maioria é destruída pela turba que invade o templo e a biblioteca. Um dos vândalos é Davos que, revoltado com a inacessibilidade de Hipátia, junta-se definitivamente aos cristãos e,

como ato simbólico, destrói seu modelo ptolomaico. Ao fazer isso, ele dá o passo definitivo para abraçar uma nova causa, a do cristianismo, estando disposto a sacrificar tudo o que conhecia antes.

De acordo com Gibbon (*apud* BAÉZ, 2004, p. 50):

A valiosa biblioteca de Alexandria foi saqueada ou destruída; e cerca de vinte anos depois a aparência daquelas estantes vazias ainda despertava a fúria e a indignação de qualquer espectador cuja mente não estivesse absolutamente obscurecida por preconceito religioso.

Hipátia: Desde Platão, todos eles, Aristarco, Hiparco, Ptolomeu, todos têm tentado conciliar suas observações em órbitas circulares, mas e se os céus escondessem outra forma?

Orestes: Outra forma? Senhora, não há nada mais puro que o círculo, a senhora nos ensinou.

Hipátia: Eu sei, eu sei, mas suponha que a pureza do círculo tenha nos impedido de ver mais além. Assim como o Sol nos impede de ver as estrelas. Devo retomar do início com novos olhos. Tenho que repensar tudo. Tudo.

(Alexandria, 01:27:51)

Para Hipátia não basta saber, é preciso saber por que se sabe, e questionar mesmo o que se sabe. Em outro diálogo, desta vez travado com Sinesio e interpretado por Rupert Evans, um ex-aluno que se torna bispo, a filósofa diz: “Sinesio, se você não questiona o que acredita, não pode acreditar. Eu preciso questionar” (Alexandria, 01:49:45).

Sua sede de conhecimento e a vocação questionadora a condenaram. Depois de morta, o corpo despedaçado de Hipátia foi queimado. A intenção com esse ato era a mesma de se queimar um livro, pois mais do que a destruição física, pretendia aniquilar as ideias que o corpo representava.

MATANDO POR AMOR AO CRISTO – REPRESENTAÇÃO DO ‘FANATISMO’ CRISTÃO

O segundo ato do filme começa com outro texto, novamente exibido na tela sobreposto a novas imagens do planeta Terra.

Após a tomada da biblioteca muitos pagãos se converteram ao cristianismo e Alexandria desfrutou de um período de paz. Hipátia continuou ensinando e pesquisando enquanto ex-discípulos ocupavam altas posições na elite social. O Império foi dividido em dois para sempre. Muitos cristãos viram isso como um sinal do fim do mundo e decidiram se preparar praticando uma vida mais

santa. A ordem dos monges parabolanos se encarregava de patrulhar as ruas e vigiar a moral cristã agora só maculada pela presença de judeus (Alexandria, 00:58:53)

Com o fatal enfraquecimento dos pagãos no cenário político da cidade, os judeus foram eleitos como novos inimigos a serem destruídos. Outras cenas de massacres são exibidas. Gritos de terror são ouvidos enquanto o planeta Terra desliza calmamente pela vastidão do cosmos. O horror vivenciado pelos homens não são o suficiente para abalar sua majestade cósmica. Na superfície mundana, líderes judeus protestam na corte do convertido ao cristianismo Orestes, agora prefeito da cidade. Lembram aos gritos que “Jesus era judeu”.

O ordenador dos massacres é o bispo Cirilo, interpretado pelo ator Sammy Samir. Sua pregação contra os judeus é forte. “Chorem pelos judeus, os assassinos de Nosso Senhor. Porque Deus já os condenou. É a vontade de Deus que vivam como escravos, amaldiçoados e exilados até o final dos tempos! Malditos exilados!” (01:13:51). Alejandro Amenábar não hesita em representar Cirilo com todos os elementos tradicionais do vilão de melodrama. Deliberadamente, não há sutileza na atuação de Sammy Samir. Seu Cirilo é rígido, moralista, impiedoso e pouco atraente fisicamente. Amenábar optou por não relativizar ou colocar nuance no personagem. É uma figura dramaticamente bidimensional, defensor de uma fé radical e pouco sofisticada. O Cirilo real era, certamente, um homem controverso, mas mesmo seus críticos mais ferozes, consideravam sua cristologia “refinada e sutil” (GONZÁLEZ, 2005, p. 177), sendo um homem capaz de convencer imperadores por meio de sua eloquência e mesmo de aceitar propostas alheias quando convencido por argumentos racionais (PIERINI, 1998, p. 201-202).

A mensagem de Cirilo para todos os cidadãos de Alexandria é clara: ou se converte ao cristianismo ou morre. Para ele, conforme um de seus representantes defende em uma assembleia, é uma questão de tempo até que todos na cidade se convertam. Hipátia não fica calada diante de tal declaração.

Hipátia: Apenas uma questão de tempo? Bem, perdoe-me, honrado membro do conselho, mas pelo meu conhecimento, seu Deus não provou ainda ser mais justo ou mais piedoso que seus antecessores. É apenas uma questão de tempo eu aceitar sua fé?

Conselheiro cristão: Então por que essa assembleia deve aceitar o conselho de alguém que reconhece não acreditar em absolutamente nada?

Hipátia: Eu acredito em filosofia.

Conselheiro cristão: Filosofia. É bem o que precisamos em um tempo como esse. (Alexandria, 01:24:05)

A ironia do conselheiro não se sustenta. “Eu acredito em filosofia”, disse Hipátia. Mas é fato que o pregador Jesus de Nazaré, segundo os critérios gregos, poderia ser definido como um filósofo moralista.

A mensagem central dos Evangelhos é o amor ao próximo e a Deus. Contudo, de acordo com o filme e muitos historiadores, na medida em que o cristianismo se expandia, seus fiéis passaram a demonstrar um ressentimento cada vez mais violento contra aqueles que não aceitaram a Boa Nova dos Evangelhos. De acordo com Gibbon, um dos primeiros a olhar o cristianismo a partir da crítica histórica, Tertuliano (*apud* GIBBON, 1989, p. 206) expressa isso de maneira clara:

Como não irei admirar-me e rir e rejubilar-me e exultar ao ver tantos monarcas soberbos e tantos deuses falsos gemendo no mais fundo abismo das trevas; tantos magistrados que perseguiram o nome do Senhor derretendo-se em fogos mais ardentes do que aqueles que atearam contra os cristãos.

Nem todos tiveram a paciência de um Tertuliano de esperar o Juízo Final para contemplar de camarote o sofrimento dos infiéis. Alguns se propuseram a ser o flagelo de Cristo para punir os pagãos e os cristãos heréticos. Em nome da fé realizaram atos mais vis, amparados na convicção de São Shenoute, homem de confiança de Cirilo, de que “Não há crime para os que têm Cristo” (*apud* NIXEY, 2018, p. 16).

No tempo das perseguições, os cristãos procuravam atrair o sofrimento sobre si; após se tornar a religião dominante, infligiram o sofrimento sobre os outros. Os primeiros cristãos procuravam viver com simplicidade, evitando todo o luxo e o prazer desnecessário. Rejeitavam os banhos quentes, as almofadas macias, as perucas, o prazer sexual e até o ato de fazer a barba, considerado uma impiedade, pois procurava melhorar a obra do criador (GIBBON, 1989, p. 213). Contudo, alguns outros exacerbavam o seu desejo de imitar o martírio de Cristo, interrompendo as cerimônias públicas e confessando a fé proibida e exigindo dos magistrados a aplicação dos rigores da lei. A procura espontânea da morte provocou a indignação de um funcionário do império romano: “homens desditosos, que estais fartos de vossas vidas, não será tão difícil assim achar cordas e precipícios?” (GIBBON, 1989, p. 239).

Até Orígenes, um dos homens mais cultos de sua época, cedeu ao fanatismo ascético, ao se castrar, uma atitude, inclusive, criticada até por seu admirador, Eusébio de Cesárea (2008, p. 289), que considerou a mutilação como impulsionada por “um senso inexperiente e juvenil”. As autoridades eclesiásticas desestimularam a busca espontânea pelo martírio e, no Concílio de Nicéia, os bispos condenaram a autocastração. São Benedito, o criador da cultura do monasticismo, condenou as extravagâncias ascéticas, “decretando que o ascetismo que fosse

além da regra só poderia ser praticado com a permissão do abade” (RUSSELL, 1982b, p. 79). Mas o próprio santo praticou seus excessos, como numa ocasião em que se jogou nu em arbustos espinhosos, como se as feridas do corpo fossem um remédio para as da alma (p. 81).

Os excessos praticados pelos cristãos podem ser explicados por um dilema que foi muito bem percebido por Nietzsche (2017, p. 48): “terríveis são os que têm dentro de si a fera e que só podem escolher entre as concupiscências e as mortificações.” A fera dentro da consciência desses homens e mulheres era impiedosamente inflexível com quaisquer desvios na ortodoxia e detalhes teológicos ganharam proporções avassaladoras. O caso de maior destaque foi a heresia dos arianos que surgiu em Alexandria a partir de uma divergência entre o presbítero Ário e o bispo Alexandre.

Os arianos foram considerados heréticos porque defendiam a *homoiousios*, ou seja, que Cristo era semelhante, mas não igual a Deus, entrando em conflito com os que acreditavam na *homoousios*, doutrina que defendia que Cristo e Deus possuíam a mesma essência. Alexandria tornou-se palco desse confronto teológico que, nos tempos de Atanásio, resultou numa disputa armada na qual *bispos e presbíteros foram tratados com cruel ignomínia; virgens consagradas foram desnudadas, flageladas e violadas; casas de cidadãos abastados foram pilhadas, e, sob o disfarce de ardor religioso, a concupiscência, a avareza e o ressentimento pessoal ficaram impunes ou mereceram até aplausos* (GIBBON, 1989, p. 305).

A derrota dos arianos ficou evidenciada no Concílio de Nicéia (325), quando, por uma ampla margem de votos, os bispos decidiram que a doutrina era herética. O Imperador Constantino, então, ordenou que Ário e Eusébio de Nicomédia fossem exilados e as obras de Ário deveriam ser queimadas sob a pena de morte (NICAEA, 1911). Tempos depois, Constantino reconciliou-se com os arianos, sendo batizado por Eusébio de Nicomédia, em seu leito de morte (NICAEA, 1911, p. 35).

Alexandria foi novamente abalada com disputas teológicas cristãs com o aparecimento dos nestorianos. Nestório era patriarca de Constantinopla e defendia que Cristo possuía uma natureza humana e outra divina e, em consequência, não era correto afirmar que Maria era “Mãe de Deus”, mas apenas do homem Jesus. Cirilo de Alexandria vai ser o maior opositor de Nestório, presidindo o tumultuado o Concílio de Éfeso, em 431, que condenou a doutrina do patriarca de Constantinopla como uma heresia (RUSSELL, 1982b, p. 70). Como era o costume nessas ocasiões, os livros heréticos foram queimados e as pessoas reprimidas violentamente. A violência desses conflitos foi tão cruenta que levou um tal de Amiano exclamar que “a inimizade dos cristãos entre si ultrapassava a fúria dos animais selvagens contra o homem” (GIBBON, 1989, p. 310).

Se os cristãos eram radicalmente intolerantes entre si, mais ainda seriam com aqueles que não professavam a fé cristã. Trinta anos após o Édito de Milão, iniciaram-se as perseguições aos infiéis (SANTOS, 2018, p. 179). Nem os judeus, o povo eleito do Antigo Testamento, escaparam da intolerância cristã. Em Alexandria, a tradicional comunidade judaica entrou em conflito com os cristãos, o que resultou em algumas mortes. Cirilo, já eleito bispo da cidade, incitou “a população contra a comunidade judaica, permitindo que a multidão saqueasse os seus bens e sinagogas, e a expulsasse da cidade” (FIGUEIREDO, 2012, p. 37). Esse incidente teria provocado o rompimento entre Orestes, o prefeito nomeado pelo Imperador Romano, e Cirilo.

No filme *Alexandria*, Cirilo, conhecedor da amizade entre Hipátia e Orestes, pretende atingir o prefeito, atacando sua ex-professora. Brada contra ela em uma pregação, que contava com a presença de Orestes:

Cirilo: O próprio Cristo sabia disso quando confiou seu legado sagrado a doze homens. Homens. Nenhuma mulher entre eles. E ainda assim, conheço em Alexandria alguns que admiram e confiam nas palavras de uma mulher. A filósofa Hipátia. Uma mulher que declarou em público seu ateísmo. Uma bruxa. Dignatários, é tempo de reconciliarem-se com Cristo. (mostra a Bíblia) Ajoelhem-se diante da Palavra (01:30:05).

Orestes se recusa e abandona enfurecido a assembleia. Na saída, é atingido por uma pedra atirada pelo monge Amonius, que é imediatamente morto pela escolta do prefeito. Cirilo, lembrando o episódio no qual atravessou as chamas, proclama-o mártir e o declara santo, sob o nome de São Thaumasius. Esse evento vai fomentar a vontade de vingança dos monges parabolanos. Impossibilitados de atingir o prefeito, Hipátia torna-se o alvo preferencial.

Enquanto sua morte é tramada, Hipátia segue com seus estudos, auxiliada por seu escravo fiel, Aspasius, interpretado por Homayoun Ershadi, também um estudioso. Hipátia reflete:

Hipátia: Uma eclipse. Uma eclipse com o Sol em um dos focos. Por que o que mais é o círculo além de uma eclipse especial, cujos focos estão tão próximos que parecem ser um? Talvez eu esteja delirando, mas talvez seja assim. Ou talvez eu esteja... talvez eu... O que acha?

Aspasius: isso pode ser verdade, senhora...
(Alexandria, 01:44:35)

Enquanto Hipátia se aproxima da verdade que tanto procurou ao longo da vida, os monges parabolanos se aproximam, tramando sua morte.

A força política de Cirilo advinha principalmente do seu controle sobre o parabolanos, uma irmandade cristã que realizava obras de caridades e protegiam os bispos. A origem desses monges se deu durante uma epidemia na cidade de Alexandria, no século III, quando passaram a cuidar dos doentes e enterrar os mortos. De acordo com Dionísio de Alexandria (*apud* CESAREIA, 2008, p. 368), patriarca entre 248 e 265, os parabolanos “visitavam sem precauções os doentes, serviam-nos com diligência, dispensavam-lhes cuidados em Cristo e consideravam desejável partir desta vida com eles”. Após as provas de coragem e desprendimento na ocasião da epidemia, a irmandade manteve-se nas regiões desérticas em volta de Alexandria. Sócrates, o escolástico, relata que, nos tempos de Cirilo, cerca de 500 desses monges ameaçaram Orestes e um deles, chamado Amônio, feriu o prefeito com uma pedrada na cabeça. O monge foi preso e torturado publicamente, vindo a falecer. Seu corpo foi levado por Cirilo para uma igreja e tratado como um mártir, atitude que serviu para aumentar a distância entre o bispo e o prefeito (SCHOLASTICUS, *Eccl.Hist.* VII, 14)

Os parabolanos certamente estavam entre os grupos que atacaram e assassinaram Hipátia, acusada de ateísmo e de impedir a reconciliação de Cirilo e Orestes. Hipátia, por sua formação e sua influência política na cidade era “uma mulher de saber e de poder” e “mulheres de saber e poder eram figuras fora da norma” na sociedade patriarcalista cristã (OLIVEIRA, 2017, p. 17). Por outro lado, era uma virgem, posição muito valorizada no cristianismo dos primeiros tempos, mas uma virgem que se recusava a ficar enclausurada, silenciosa e submissa. Seja como for, retomando mais uma vez Nietzsche, é preciso ter uma fera dentro de si, para atacar uma mulher indefesa, torturá-la dentro de uma igreja e queimar o seu corpo.

Ironicamente, no tempo da perseguição aos cristãos, durante o patriarcado de Dionísio (248-265), Alexandria presenciou a morte de uma outra virgem, conforme a descrição de Eusébio de Cesárea (2008, p. 328):

Mas também se apoderaram de Apolônia, virgem já idosa, extremamente admirável. Depois de lhe tirarem todos os dentes batendo no maxilar, levantaram uma fogueira diante da cidade e ameaçaram queimá-la viva, se não repetisse as ímpias fórmulas. Ela, porém, recusou brevemente; depois, recuando um pouco, lançou-se com vivacidade no fogo e foi consumida.

A época era realmente sombria e violenta, mas os cristãos transmudaram-se no papel de vítima para o de algozes em um curto espaço de tempo. Apolônia e Hipátia pagaram o preço por viver numa sociedade intolerante com a tradição cultural anterior. Historicamente, não é possível afirmar que Cirilo esteve por trás do assassinato de Hipátia. Não há documentos que comprovem essa tese, que domina a narrativa

do filme. Há ilações, muitas delas proferidas por inimigos de Cirilo. Sócrates, o escolástico, afirma que a “este acontecimento não provocou o mínimo opróbrio, não apenas a Cirilo, mas também sobre a Igreja de Alexandria” (SCHOLASTICUS, *Eccl. Hist.* VII, 16), não o acusando de estar envolvido, embora critique a sua indiferença. Já Damásio (*apud* BAÉZ, 2004, p. 80), filósofo ateniense perseguido pelos cristãos, escrevendo no século seguinte ao assassinato, é incisivo em vincular a inveja do bispo como motivo para a morte da filósofa: “Cirilo se corroía a tal ponto que tramou o assassinato dessa mulher”. João de Niquiu (*apud* FIGUEIREDO, 2012, p. 39), um bispo egípcio do século VII, interpreta a morte de Hipátia como a continuação do trabalho iniciado pelo tio, de saneamento moral de Alexandria da influência pagã: “todo o povo teria aclamado Cirilo como o ‘novo Teófilo’ pois ele, concluindo o que já havia sido iniciado pelo seu tio, destruiu os últimos restos de idolatria na cidade”. Esses relatos contemporâneos, seja pelo interesse ideológico, seja pela distância temporal do acontecido, não são suficientes para uma vinculação direta ou pela plena absolvição de Cirilo.



Figura 5: Apedrejamento de Hipátia
Fonte: print do DVD comercial de “Alexandria” (01:58:02)

Contudo, o clima de fanatismo, muitas vezes sanguinário, predominante entre os cristãos, e conhecendo a personalidade de Cirilo, “um homem de zelo fanático”, que instigava “pogroms contra a colônia judaica” (BERTRAND, 1982, p. 69), não é inverossímil o seu envolvimento na morte da filósofa. Além do mais, desconsiderando a participação do bispo, o fato de o linchamento público ser liderado por Pedro, encarregado de ler as passagens da Escritura na igreja e por uma multidão de monges já é suficiente para chocar os espíritos huma-

nitários e de constatar que isso “assombraria Jesus, e, mesmo, Paulo” (BERTRAND, 1982, p. 80).

No filme, a morte de Hipátia é representada de modo diferente do narrado historicamente. Capturada por parabolanos, despida de suas vestes finas, Hipátia será torturada e esquartejada com crueldade. Porém, o ex-escravo Davos convence seus companheiros a matá-la apedrejada. Não devem sujar as mãos com sua carne impura. Enquanto eles saem para buscar pedras, Davos olha para Hipátia, que compreende imediatamente sua intenção. Ele vai lhe dar uma morte rápida e indolor. Uma morte piedosa. A sufoca em um abraço. Quando os parabolanos voltam, armados de dezenas de pedras, Davos informa que a prisioneira desmaiou. Chovem pedras sob seu corpo já morto. Foi poupada da dor. Essa mudança em relação ao relato histórico é, sobretudo, uma concessão ao espectador, que passou duas horas na companhia carismática da protagonista do filme. Vê-la padecer de uma morte cruel poderia ser chocante em demasia para o público moderno.

CONCLUSÃO

A existência de uma produção cinematográfica de vulto como o filme *Alexandria* demonstra que o assassinato de filósofos causa indignação no imaginário ocidental. O caso mais conhecido é o de Sócrates, cuja morte se tornou um ponto de inflexão na história da filosofia e inspirou o famoso quadro de Jacques-Louis David (1787) e o filme de Roberto Rossellini (1971). A morte de Hipátia de Alexandria foi menos abordada nas produções historiográficas e filosóficas, mas foi muito mais impactante do ponto de vista cultural, pois possibilita a reflexão sobre temas bem atuais, como o papel das mulheres na produção filosófica e científica, o fanatismo e o anti-intelectualismo religioso que ainda perseguem a liberdade do pensamento mundo afora. Os prêmios recebidos e a reação de grupos conservadores ao filme demonstram que ele foi bem sucedido em instigar um necessário debate sobre a filósofa alexandrina.

Contudo, muito tempo se passou até que Hipátia fosse reconhecida como uma vítima de um cruel fanatismo que predominava na fase inicial da consolidação do cristianismo. É verdade que sua morte foi denunciada por historiadores do mundo antigo, como Sócrates, o Escolástico, mas só com a publicação de *História do Declínio e Queda do Império Romano*, em 1776, por Edward Gibbon, é que os pecados do cristianismo vão encontrar ressonância em meio Século das Luzes. Um dos mais enfáticos em denunciar o fanatismo e a intolerância do cristianismo foi Voltaire (s/d). Indignado pelo fanatismo católico predominante na cidade francesa de Toulouse, que foi responsável pela tortura e morte de Jean Calas, acusado injustamente de matar o próprio filho que na visão do povo abjurou o

protestantismo, o filósofo publicou, em 1763, o Tratado sobre a Tolerância. O livro denuncia o fanatismo que produz a barbárie: “O furor que inspiram o espírito dogmático e o abuso da religião cristã mal entendida derramou tanto sangue, produziu tantos desastres na Alemanha, na Inglaterra e mesmo na França” (VOLTAIRE, s/d, p. 32). O fanatismo, portanto, para Voltaire, seria colocar a religião acima dos direitos naturais dos indivíduos, como o direito à vida e o direito à liberdade de expressão. Ele adverte que “qualquer um pode queimar os livros e papéis que não lhe agradam” (VOLTAIRE, s/d, p. 134), mas que seu livro “é uma petição que a humanidade apresenta humildemente ao poder e à prudência” (VOLTAIRE, s/d, p. 135).

A partir da denúncia dos iluministas, os historiadores vão mostrar que o assassinato de Hipátia e de outros mártires do conhecimento não foi algo isolado, mas que eles constituíam as mais ilustres vítimas que abarcavam judeus, arianos, nestorianos, muçulmanos, dentre outros. Em uma parte da sua história, o cristianismo foi marcado por uma intolerância que transformou as vítimas de antes nos algozes de hoje.

Mas a morte de Hipátia não foi apenas o resultado do fanatismo intolerante. Ela representou uma postura adversa aos intelectuais que, conforme os escritos de Max Weber, está na base de todas as religiões de salvação. Por isso, o linchamento da filósofa e o saque e o incêndio do que restou da Biblioteca de Alexandria fazem parte da desconfiança em relação aos livros e às descobertas científicas que supostamente contradiziam a fé cristã. Hipátia de Alexandria só foi a primeira de uma lista de mártires que inclui Cecco d’Ascoli, Lucilio Vanini, Miguel Servet, Pietro d’Abano, dentre outros.

O filme aborda todas essas questões sem evidentemente contextualizá-las, o que, afinal, não é o seu objetivo. O objetivo de uma produção cinematográfica é contar uma história fascinante o suficiente para prender a atenção do espectador. Para isso mistura realidade e ficção na estruturação da sua narrativa. É basicamente um produto cultural. Obviamente, essa mistura pode representar problemas se o filme for utilizado em um contexto educacional. Por isso, esse artigo procurou fornecer elementos para que o leitor e a leitora pudessem ter uma compreensão mais ampla do contexto da morte de Hipátia, tendo elementos para uma leitura mais crítica do filme.

Vale lembrar que o filme termina com um último texto, outra vez exibido juntamente com imagens da Terra vista do espaço.

O corpo mutilado de Hipátia foi arrastado pelas ruas e queimado em uma pira. Orestes desapareceu para sempre e Cirilo consolidou seu poder em Alexandria. Muito depois, Cirilo foi declarado santo e doutor da Igreja. Embora nenhuma obra de Hipátia tenha sobrevivido, sabe-se que foi uma astrônoma excepcional

conhecida pelos estudos matemáticos das curvas cônicas. 1200 anos mais tarde, no século XVII, o astrônomo Johannes Kepler descobriu que uma dessas curvas, a elipse, regia o movimento planetário (Alexandria, 01:58:23)

A mensagem é clara. Se a polêmica pregação de Cirilo sobreviveu ao tempo, não foi diferente com a sabedoria filosófica de Hipátia, que segue desafiando o fanatismo do bispo de Alexandria pelos séculos dos séculos. A ágora toma novas formas e seu sentido pode ser recuperado até mesmo no escuro de uma sala de cinema.

“I BELIEVE IN PHILOSOPHY”: RELIGIOUS FANATICISM, INTOLERANCE AND ANTI-INTELLECTUALISM IN THE FILM ALEXANDRIA (2009)

Abstract: *the theme of this article is the analysis of film Alexandria (2009), directed by filmmaker Alejandro Amenábar, with actress Rachel Weisz as the main protagonist. Its main objective is to compare the cinematographic representation about Christian fanaticism, intolerance and anti-intellectualism that culminates in the lynching of the philosopher Hypatia of Alexandria, with contextualization based on specialized historiography. In this way, the methodology used the analysis of historical works (Gibbon, Russel, Scholasticus) and sociological theory (Max Weber) to contribute to a better understanding of the history of Christianity taking place in the city of Alexandria and also for a better enjoyment of the film, either for aesthetic delight or as a source of historical representation. The conclusion of the article demonstrates that the film makes use of fictional elements for its narrative structuring, but it constitutes a document about the symbolic importance of Hipátia’s death for the reflection on fanaticism, intolerance and religious anti-intellectualism.*

Keywords: *Alexandria film. Cristianism. Intolerance. Fanaticism. Anti-intellectualism.*

Referências

BAÉZ, Fernando. *História Universal da Destruição dos Livros*. Tradução: Léo Schlafman. São Paulo: Ediouro, 2004.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. O humor na criminalidade perversa. *Cógito*, v. 10, p. 62-66, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cogito/v10/v10a11.pdf> Acesso em: 22 nov. 2019.

CESARÉIA, Eusébio. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2008.

DURANT, Will. *A história da filosofia*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

- ECO, Umberto. *Pós-escrito ao O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FIGUEIREDO, Daniel de. *A controvérsia nestoriana e suas implicações político-administrativas nas cartas de Cirilo de Alexandria (séc. V d.c.)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Franca, São Paulo, 2012.
- GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GIBBON, Edward. *History of the decline and fall of the Roman Empire*. Projeto Guttemberg, v. 4, 1845. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=15022. Acesso em: 15 nov. 2019.
- GONZÁLEZ, Justol (org.). *Dicionário Ilustrado dos Interpretes da Fé*. Santo André, SP: Academia Cristã Ltda, 2005.
- HEINE, Heinrich. *Wikiquote*. s/d. Disponível em:
https://pt.wikiquote.org/wiki/Heinrich_Heine. Acesso em: 22 nov. 2019.
- NICAEA, Council of. By Carl Theodor Mirbt. *Encyclopædia Britannica*. v. 19, 1911. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Nicaea_Council_of. Acesso em: 12 nov. 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falava Zaratustra*. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.
- NIXEY, Catherine. *A chegada das trevas*. Tradução: Pedro Carvalho e Guerra. Porto Calvo: Edições desassossego, 2018.
- OLIVEIRA, Loraine. *Vestígios da vida de Hipácia de Alexandria*. São Paulo: Perspectiva Filosófica, v. 43, n. 1, 2016.
- PIERINI, Franco. *A Idade Antiga: curso de História da Igreja*. v. 1. São Paulo: Paulus, 1998.
- PLATÃO. Apologia de Sócrates. Tradução: Maria Lacerda de Souza, s/d. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270801/mod_resource/content/1/platao%20apologia%20de%20socrates.pdf. Acesso em: 26 nov. 2019.
- PLATÃO. *Fédon*. Platão: Os pensadores. Tradução: José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- RUSSELL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Tomo I. Tradução: Brenno Silveira. Brasília: UnB; São Paulo: Editora Nacional, 1982.
- RUSSELL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Tomo II. Tradução: Brenno Silveira. Brasília: UnB; São Paulo: Editora Nacional, 1982b.
- SANTOS, Marcos Ferreira. O assassinato de Hipátia: ou quando o outro deve morrer. In: LIMA, A. C.; PAGOTTO-EUZÉBIO, M. S.; ALMEIDA, R. (orgs.). *Os outros, os mesmos: a alteridade no mundo antigo – Anais da XII Semana de Estudos Clássicos da FEUSP*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2018. p. 174-191. Disponível em: http://www.marcosfe.net/hipatia_in_os%20outros.pdf. Acesso em: 17 nov. 2019.

SCHOLASTICUS, Socrates. The Ecclesiastical History. Tradução: A. C. Zenos. Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0380-0440,_Socrates_Scholasticus,_Historia_ecclesiastica_\[Schaff\],_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0380-0440,_Socrates_Scholasticus,_Historia_ecclesiastica_[Schaff],_EN.pdf) . Acesso em: 22 nov. 2019.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Tratado sobre a Tolerância*. Tradução: Antônio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, s/d.

WEBER, Max. Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções. In: GERTH, H. H.; MILLS, C. Wright (orgs.). *Max Weber: ensaios de sociologia*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. p. 371-410.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. v. 1. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da UnB, 1994.